

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

**"JOSEFO E A PATRÍSTICA: MODELOS EXPLICATIVOS E
CONEXÕES CAUSAIS PARA AS GUERRAS DE 67 E 132"**

UFOP - IV CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS CLÁSSICOS / XII REUNIÃO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS - SBEC, 5-10 DE AGOSTO

2001

"ANTIGÜIDADES"

Amanda Presotti Corrêa

História / 7º período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Este trabalho visa tratar das diferentes explicações acerca das revoltas de 66 e 132 d.C. na Judéia. Para a guerra de 66, utilizamos a obra do historiador judeu Flávio Josefo, em especial a Guerra dos judeus, que trata especificamente da primeira das revoltas. Já para a guerra de 132 utilizaremos a obra do historiador pagão de origem grega Cássio Dio, mais especificamente uma passagem de sua História romana. Dessa forma, pretendemos oferecer e contrastar duas diferentes visões de mundo e apontar para suas semelhanças e diferenças no que se refere às causas das guerras. Outros aspectos oriundos das diferentes interpretações serão, também, incluídos - são eles a questão da história universal em cada um dos autores e a diferente maneira com que o contexto religioso e social dos judeus da época é levado em consideração.



Josefo e a patrística: modelos explicativos e conexões causais para as guerras de 67 e 132

Este artigo visa tratar das diferentes interpretações acerca das revoltas judaicas dos anos de 67 e 132 d.C.. Para a primeira das guerras da Judéia, utilizaremos a obra do historiador judeu Flávio Josefo, em especial a Guerra dos judeus, livro de fundamental importância pois trata especificamente do evento. Já para a Segunda Revolta utilizaremos uma passagem da História romana, escrita pelo historiador pagão Cássio Dio. Dessa maneira, pretendemos oferecer as visões distintas de um judeu e de um pagão de origem grega para os acontecimentos, incluindo os conceitos de história universal em cada um deles.

E o que se entende por história universal? Trata-se de uma maneira de se escrever história que contou com grande influência no período helenístico, que pretende escrever a História desde o começo dos tempos até o tempo presente do autor. Outra maneira de abordar a universalidade da história é geográfica: uma história seria universal por tratar do ecúmeno. Tamanha foi a influência dessa idéia que podemos observar sua presença, se bem que alterada (seguindo os padrões judaicos, que se assemelham a uma teogonia), na obra de Flávio Josefo. Quanto a Cássio Dio, podemos afirmar que segue o modelo grego de história universal, não dando importância vital às ações dos deuses no desenrolar dos acontecimentos.

Começemos com Josefo. Para que seu conceito de história universal seja compreensível, é necessário que tratemos de suas visões e explicações para a Guerra da Judéia de 66. Dessa maneira, podemos também apresentar a visão de um judeu, diretamente implicado nos acontecimentos (não só



por sua origem semita, mas também por seu envolvimento direto na guerra, como general) que, apesar de manter-se fiel à sua cultura e origens, depois da guerra passa a residir em Roma e a contar com o apoio dos responsáveis pela derrota de seus compatriotas em batalha.

Para Josefo, foram cinco as causas que levaram à explosão da revolta, a saber: a incompetência dos procuradores romanos, a hostilidade judaica contra o jugo romano, as expectativas messiânicas e apocalípticas da época, as desavenças com os gentios locais e a *stasis*. Embora este último nos interesse particularmente, pois trata da questão da presença atuante de Deus na história em Josefo e da sua explicação para a queda do Templo, é melhor começarmos com uma breve explanação dos motivos oferecidos por Josefo.

A incompetência dos procuradores romanos traduzia-se, geralmente, numa disposição de ânimo que desdenhava dos costumes e das sensibilidades religiosas judaicas, como é o caso da retirada de dezessete talentos do tesouro do Templo pelo procurador Flora. Some-se a isso a baixa extração dos procuradores, e dificuldades na política interna da Judéia, que impediam que os procuradores utilizassem poderio militar maior, perdendo assim o respeito e sofrendo com intervenções externas da administração romana da Síria, e o resultado é explosivo¹.

A insatisfação contra Roma, porém, não se reduzia às queixas contra os procuradores. A obrigatoriedade do pagamento de taxas (que muitos consideravam excessivas) e a agressão religiosa (incluindo episódios como o protagonizado por Calígula nos anos 40, que pretendia

¹ Para maiores detalhes no assunto, cf. Martin Goodman. *A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.*. Rio de Janeiro: Imago, 1984. Pp.21-22.



profanar o Templo com uma estátua de si próprio) acirravam cada vez mais os ânimos contra a dominação romana.

Essa insatisfação contra Roma refletia-se, também, nas expectativas apocalípticas e messiânicas presentes na época, alimentadas por uma literatura específica e muito presente na obra de Josefo. O povo judeu esperava por um messias e por uma nova era, o que refletia, invariavelmente, a exaltação do humilhado povo de Israel e o ocaso da dominação romana. Essas expectativas, somadas aos problemas econômicos e sociais da época, ajudaram e muito na eclosão da revolta.

Outro motivo apresentado por Josefo para a guerra eram as desavenças com os gentios locais. Os judeus, de ânimos já exaltados pelos motivos previamente apresentados, tinham ainda que lutar contra a óbvia precedência dos interesses gentios sobre os seus. Isso ocorria porque os gregos locais apoiavam fervorosamente o domínio romano, contando assim com sua proteção, geralmente em detrimento dos judeus.

O motivo que mais nos interessa aqui, porém, relaciona-se com as tensões de classe. Ainda que esta tensão comporte a questão econômica, traduzindo-se num conflito entre ricos e pobres (os primeiros procurando explorar cada vez mais os segundos, estes procurando de todas as formas pilhar os primeiros), somam-se a ela aspectos maiores. Durante a guerra, especialmente durante o cerco de Jerusalém, os judeus dividiram-se em facções mais ou menos agressivas, e acabaram por instalar um conflito civil interno durante a guerra contra Roma. Essa total incapacidade de se manter unidos, mesmo durante a guerra, com certeza apressou a derrota judaica.

Josefo, como judeu, tem muito presente a idéia da universalidade da história decorrente da atuação direta da



divindade, não só em sua obra mas em sua educação. A história universal judaica, presente nas Escrituras e nos livros não canônicos (inclusos aqui os apocalipses), porém, comporta nuances muito próprias. Entre elas, podemos enxergar um certo padrão recorrente: a interferência direta de Deus na História, a concentração sobre os atos dos israelitas (não só no passado como também no futuro) e o ciclo recorrente de "pecado-punição-redenção"².

Este ciclo nos interessa particularmente, pois é através dele que Josefo explica a derrota dos judeus, associando-a com a visão judaica da atuação de Deus na história. Josefo chega também a misturar o conceito grego de *tyché*, ou Fortuna, com a universalidade de Deus. O resultado é que a *tyché* acaba por se transformar em Iahweh e passa a ocupar um lugar de suma importância no desenrolar dos acontecimentos. A raiz da história universal em Josefo, como percebemos, continua judaica.

Mas como as tensões de classe remeteriam a esse ciclo? Ao se dividirem em facções, os judeus permitiram que a *stasis* (o termo grego que traduzimos, um pouco frouxamente, como dissensão civil) criasse um ambiente onde todo tipo de pecado e vilanias pudessem ser praticados: roubos, fratricídio, lutas e, especialmente, o derramamento de sangue no Templo, o local mais sagrado para os judeus. Ao pecarem, os revoltosos chamam para si a desgraça, em forma de castigo divino. A punição é necessária pois aponta aos homens os erros cometidos ao mesmo tempo em que age como purificadora e mediadora da reaproximação destes com Deus³.

² Para maiores detalhes sobre o tema, cf. Tessa Rajak. *Josephus*. London: Duckworth, 1983. Pp.94-95.

³ Idem, pp.94-103.



Então, o Templo deve cair. Na visão de Josefo, esse acontecimento é decorrente do desgosto de Deus para com os israelitas. Os romanos, para Josefo, não passam de instrumentos do castigo divino, castigo este que os judeus poderiam ter evitado, mas não o fizeram. Desta forma, nosso autor encontra uma interessante teoria para a queda do Templo, em 70, sem ameaçar sua posição social em Roma. Ele passa a divindade, a Fortuna, ou tyché, para o lado do inimigo, justamente por culpa dos próprios judeus. E embora sustente essa posição, não renega seus conceitos judaicos de história universal: em nenhum momento ele assume que isso será para sempre. Depois do castigo, deve vir a redenção, e essa era uma crença alimentada no coração de grande parte dos judeus da época: os humilhados seriam exaltados algum dia.

Assim, podemos perceber que, apesar de sua situação peculiar, Josefo manteve muitos conceitos judaicos (incluindo a crença na presença de Deus na história) e muito da visão judaica sobre a revolta. Estas percepções, únicas, nos são de imenso valor não só para a compreensão da guerra mas para as impressões que restaram após a derrocada do judaísmo como então se conhecia, e sua transformação após a queda do Templo.

Se para tratar da primeira guerra na Judéia contamos com um judeu helenizado, para a segunda contamos com um historiador pagão, totalmente imerso na política do domínio romano. As diferenças explicativas são palpáveis: muito da tradição judaica, como a interferência direta de Deus em relação a seu povo eleito, não encontra paralelo. Embora em grande parte da obra de Cássio Dio se encontrem evidências de sua crença que o mundo sobrenatural interagiu com o nosso, a universalidade da presença de



Deus, o ciclo de interação e as motivações não são, de forma alguma, as mesmas.

Dio acreditava que o divino exercia um importante papel na vida dos homens, dedicando muito espaço em sua obra aos presságios e seus usos no período imperial⁴. Um presságio é definido como um fenômeno indicador do futuro, tendo em geral origem divina e ocorrendo espontaneamente, que o historiador usa para explicar eventos históricos. É curioso notar que Josefo também faz uso dessas ferramentas interpretativas, citando antigas profecias de que a cidade seria tomada e que o templo cairia apenas quando Jerusalém estivesse internamente dividida (BJ 4.388; 6.109). Ele também se serve de vários presságios para anunciar a queda do Templo, entre eles "uma estrela, um cometa, uma vaca sacrificial dando à luz [...]"⁵. No entanto, essa idéia difere da visão de história judaica: a divindade, aqui, não é o cerne da História, e os acontecimentos previstos não podem ser alterados. Dentro da filosofia judaica isso seria inconcebível, pois acarretaria na perda do livre arbítrio do homem. Para Dio, os motivos que levariam às sublevações populares são, também, muito diferentes: como homem de seu tempo, que presenciou o reinado de nove imperadores e conhecia o impacto das perseguições políticas, acreditava que as revoltas e os maus governos se davam pela incompetência ou pelo mau gênio do imperador daquele momento específico⁶.

Cássio Dio nos oferece como causas para a guerra a construção de uma outra cidade sobre as ruínas de Jerusalém, Aelia Capitolina, e, em especial, a construção

⁴ Exemplos característicos nos são fornecidos por Alain M. Gowing. *The Triumviral Narratives of Appian and Cassius Dio*. Chicago: University of Michigan Press, 1992. P.29 nota 31.

⁵ Rajak, op.cit. p.91.

⁶ Gowing, op.cit. pp.26, 32, 92.



de um templo dedicado a Júpiter sobre o que havia sido o Templo sagrado dos judeus. Segundo Dio, "os judeus consideravam intolerável que raças estrangeiras se assentassem em sua cidade e que ritos religiosos estrangeiros fossem implantados lá"⁷. Os romanos, a princípio, não deram muita importância ao levante, mas logo toda a Judéia tinha sido agitada, e judeus de outros lugares começavam a mostrar sinais de sublevação também. Muitas nações estavam, também, juntando-se aos judeus objetivando algum lucro. Em vista da situação, Roma preparou uma represália que culminou com a derrota dos judeus em 135.

Vê-se que Dio está distante do universo judaico de que trata. Nenhuma referência religiosa (com a exceção da mencionada), apocalíptica ou messiânica é dada. Talvez o motivo disso seja a não-familiaridade com o assunto, talvez o descaso, típico, dos pagãos para com as sensibilidades religiosas judaicas. Toda a movimentação messiânica que se deu em torno da figura de Bar Kokhba⁸ (líder da revolta, aclamado por um dos maiores doutores da lei de seu tempo - o rabi Akiba -, como o messias previsto em Nm 24-17⁹, segundo preservado na tradição talmúdica¹⁰), Não há comentários sobre a exaltação dos ânimos causada pela queda do Templo, tendo o autor preferido ater-se a questões militares e de interesse específico romano.

Como podemos ver, é enorme a diferença entre os dois autores que tratam das duas revoltas. É preciso levar em conta as origens de ambos, suas idéias quanto ao papel da

⁷ Cássio Dio. *História romana*. Livros 61-70. Harvard: Loeb Classical Library, 1982. P.447.

⁸ Em hebraico ou aramaico, "filho de uma estrela", numa clara referência à sua natureza messiânica.

⁹ "Eu o vejo, mas não é para agora / Percebo-o, mas não de perto / Um astro sai de Jacó / Um cetro levanta-se de Israel / Que fratura a cabeça de Moab / O crânio dessa raça guerreira".

¹⁰ *Midrash Rabbah*.



divindade na história, suas formas de se trabalhar a história universal, para que possamos perceber como o assunto é tratado em cada um. Por exemplo, um historiador cristão como Eusébio oferece uma outra abordagem para a guerra de 132: segundo Ygael Yadin¹¹, “Esse homem [Bar Kokhba] [...] não era mais do que um simples bandido, mas por conta de seu nome conseguiu atrair as pessoas simples e as persuadir de que ele viera do Céu para acabar com o sofrimento [i.e, que ele era o messias]”. Comparando as diferentes visões, entendendo seus motivos e despindo-as de seus preconceitos, buscamos um melhor entendimento da historiografia universal em Josefo e Dio.

¹¹ Ygael Yadin. *Bar-Kokhba: the Rediscovery of the Legendary Hero of the Second Jewish Revolt Against Rome*. New York: Random House, 1971. P.22.